

2 ENTRE COISAS, A RESILIENTE PERIPÉCIA DA VIDA

Olhais para o alto em meio à luz.
Sobre o vento sombrio retumba uma cruz.
As brisas dos deuses refulgentes vós tocais de leve.
Como os dedos da artista em corda de neves.

Ao longo dos anos, ao longo dos anos conheci o amor.
Me sinto feliz onde estou...
Aqui o destino não é nebuloso e o dia é tão intenso como grandioso.
Salvo do destino os celestiais anjos, arcanjos e querubins.
E assim vivo sorrindo quando surge um festim.

Assim consciência, sumariamente questionei:
quem é você que samba em meio à escuridão da noite?
Espera e esperamos que tudo vá mudar? O que se pode interpelar!
Quem de nós, também, resistes somos a bancária educação?
Em cada pulsar se busca ofuscar o cinzento ensinar!
Sendo cor, o resiliênte jardim, é a arte que articula e reivindica nuanças.
Ergo força e doçura, ora câmbios, algo que teve o ímpeto de se lutar...

3 DESODORANTE PERCALÇO, UNÍVOCO E LUZINDO

Encerra a noite, ergue-se o dia! Canta a faceira magia, ultrajante sina.
Na roda a água, a substancial energia, ressurreição em pauta.
O mover da maré, revitaliza-te o bálsamo, robusteceste a onda.
Tudo isso é afeto e alimento, cuidado que suplanta a nossa estadia.
Reconhece-se a emocional conexão, o despertar das sensações positivas.
Litúrgico desejo, bênçãos entre rios e vales, raízes de sementeira resgata.
Entre desejo e planos, cruzam-se gracejos e se catalogam estrelas súbitas.
Fiel sinal de eclosão, trem de desventuras, plural oração e lirismo de vida.
O alvorecer redireciona lentes e lemes, horizontes da alteridade abrupta.
Fundo a fundo, entre sons e partículas, ergue o pressuposto da vacância.
A galante teoria do caos, uma lacuna, arma no peito a espúria lembrança.
Bendito limite, genuíno e audaz, eis o calibre que junta júbilo e justiça.

4 O DESGOVERNO INCERTO, IMPRECISA BRASILIDADE

De crescente ao invisível, a escolha é tua.
 No minguar de fatos, realidades duras.
 No tricotear de lábias, falas cruas.
 Nas quatro fases da lua, realidade é púrpura.
 Nas apocalípticas façanhas, o desencantar de mundo!
 O extermínio vem no garimpo, desgoverno da bruta terra.
 No rol de distopia e retrotopia, a humorada esperança nata.
 Vergonha espúria de astrológicos artefatos, berço pouco esplêndido.
 Fases como a lua, fases brutas e uma humanidade valhada, a ruína.

5 PARABÓLICA URGÊNCIA, DO CENTRO À PERIFERIA

Antenado estamos?
 Como antenados, caramba?
 Transmissão e interferências, lá se foram as parabólicas...
 Tomando no peito o golpe, cinismo ressalta.
 Icônica escória, mórbida e trivial, refletor titubear.
 Cá me vem à piedade, salutar ambição, canalha estória.
 Presencial e a distante controvérsia, absorta patente movimentada.
 Lúgubre e flâmula, espelha pêsames, abrupta evasão e infrequência.
 Conversor camaleônico, o verbete não traz vida, cinismo exortar.
 Austero na frivolidade, escroto e espúrio, o sinal aberto na banda.
 Com todo vapor ao colapso a insolência, diante econômica sazonalidade.
 Aponta um sórdido deboche, empáfia estável, ao errático telhado da casa.

Recebido em 26 de junho de 2021

Aprovado em 14 de dezembro de 2021

Marcelo Calderari Miguel

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo; Especialista em Estatística e aperfeiçoamento em Educação Científica pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato: marcelo.miguel@edu.ufes.br

 : <http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

A Revista Desassossego utiliza a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.